
O ENTRELAÇAMENTO DE FIOS ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA: A CONSTRUÇÃO DE UM SABER MÚLTIPLO
THEINTERTWINING OF THREADS BETWEEN GEOGRAPHY AND LITERATURE: A CONSTRUCTION OF A MULTIPLE KNOWLEDGE

*Márcia Manir Miguel Feitosa**
*Cláudia Letícia Gonçalves Moraes***
*Janete de Jesus Serra Costa****

Nos dias atuais, o trabalho com a interdisciplinaridade tem se mostrado de extrema relevância no meio acadêmico, já que intenta buscar um diálogo mais amplo ao inter-relacionar áreas afins no intuito de entender e interpretar o mundo em plena transformação, levando em consideração aspectos econômicos, culturais e sociopolíticos. No âmbito das Ciências Humanas e Sociais, é importante enfatizar que a interdisciplinaridade vem ganhando terreno ao longo dos últimos anos, justamente como uma resposta aos inúmeros questionamentos e teorias que não se esgotam apenas em uma única área de conhecimento.

Com isso, surge a oportunidade do diálogo entre campos de conhecimento afins que intentam buscar respostas a questionamentos dos novos tempos, que se encontram em constante renovação, numa amostra da eterna continuidade e mutação dos saberes. Assim, é de nosso interesse lançar um olhar mais holístico e crítico em torno das relações entre as diversas disciplinas para que, dessa maneira, duas ou mais grandes áreas de conhecimento possam se complementar e ser capazes de gerar novas discussões, abrindo espaço para a criação de novos paradigmas e novas perspectivas teóricas antes sequer pensadas, em um inesgotável jogo dialético. Constitui-se numa tentativa de ampliar os horizontes pela busca de um pensamento multidimensional e dialógico (MORIN, 2008), capaz de compreender a relação do homem com o universo.

Dessa forma, a Geografia Humanista Cultural, enquanto ciência geográfica preocupada com o espaço vivido, fundamentada nos princípios fenomenológico-existencialistas, a fim de dar conta da existência humana e da experiência de mundo, torna possível o interrelacionamento com a Literatura que, em razão de sua linguagem simbólica, polifônica e plurissignificativa, é capaz de exprimir as diferentes representações da realidade geográfica. Tal realidade se apresenta para o homem como uma forma de se reconhecer no mundo através de suas experiências, reportando-se, assim, aos lugares que auxiliaram na constituição de sua identidade. De acordo com os geógrafos humanistas Eduardo Marandola Júnior e Lúcia Helena Batista Gratão:

Esta nova aproximação quer mais do que identificar elementos “reais” na descrição das paisagens e dos lugares. Quer estabelecer um entrelaçamento de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural (MARANDOLA JÚNIOR; GRATÃO, 2010, p. 9).

A partir do exposto, o grupo de pesquisa credenciado pelo CNPq “Estudos da Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa”, liderado pelas professoras Ida Ferreira Alves, da Universidade Federal Fluminense e Márcia Manir Miguel Feitosa, da Universidade Federal do Maranhão, tem por objetivo realizar investigações que se proponham a aproximar a Literatura e a Geografia, abrindo uma nova perspectiva no âmbito da geografia ao trazer para o centro de suas discussões as relações que o homem cria com seu entorno (o que entendemos por “espaço geográfico vivido”), destacando, dessa maneira, aspectos como afetividade, sentimento de pertença, intersubjetividade, imaginação e memória.

Com o intuito, assim, de aproximar a ciência da arte, visto que tanto a criação artística quanto a ciência se valem de procedimentos referenciados por contextos históricos e culturais, destacamos dois autores essencialmente importantes que consideram os valores morais e a subjetividade humana: o francês Gaston Bachelard – epistemólogo, fenomenólogo e filósofo da imaginação – que apresenta temas que posteriormente fundamentaram os estudos da Geografia Humanista através de sua relação profícua com o âmbito da fenomenologia e do imaginário, e o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, bastante influenciado por Bachelard e que releva, nas obras *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1980) e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1983), as concepções de espaço percebido, ser-estar-no mundo, topofilia, topofobia enquanto categorias geográficas inter-relacionadas e vinculadas aos lugares e paisagens a partir das argumentações indicadas na obra *A poética do espaço* (1957). Tais temas são apontados do seguinte modo:

Isso porque pretendemos examinar as imagens do espaço feliz. Nessa perspectiva, nossas investigações mereciam o nome de Topofilia. Visam determinar o valor humano dos espaços de posse dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados. Por razões não raro muito diversas e com as diferenças que as nuances poéticas comportam, são *espaços louvados*. Ao seu valor de proteção, que pode ser positivo, ligam-se valores imaginados, e que logo se tornam dominantes. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e a reflexão do geômetra. É um espaço

vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação (BACHELARD, 2008, p. 19).

Portanto, o que importa para uma fenomenologia da imaginação poética é tratar o “espaço como instrumento de análise para a alma humana” (BACHELARD, 2008, p. 19). Com essa consideração proferida na introdução, torna claro o que objetiva com a obra *A poética do espaço*. O livro apresenta a configuração de um tratado psicológico, fenomenológico e poético a respeito das imagens desencadeadas a partir dos diferentes espaços recorrentes na literatura: casa, porão, sótão, cabana, dentre outros. O autor argumenta que, por meio do espaço, pode-se alcançar uma fenomenologia da imagem, ou seja, compreender a imagem em sua gênese e essência. Com essa argumentação, Bachelard revela-se adepto da interdisciplinaridade, interrelacionando Literatura, Filosofia e Psicologia. Ainda na Introdução, ao expor seu objetivo com a referida obra: “examinar imagens bem simples, as imagens do espaço feliz” (2008, p. 19), esclarece a sua escolha pelos espaços íntimos, a tida *topoanálise* que “seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (BACHELARD, 2008, p. 28), os quais fazem parte da vivência humana, desencadeando sentimentos, lembranças e emoções. Antônio Dimas afirma em *Espaço e Romance* que o mais interessante no estudo bachelardiano “é a junção entre rigor científico e experiência pessoal nunca descartada, confluindo ambos os vetores para associações surpreendentes e reminiscências arquetípicas do ser humano” (DIMAS, 1985, p. 44).

É justamente na capacidade de simbolizar e significar que essa corrente da geografia se insere, ao fazer uso de aspectos fenomenológicos e existencialistas aplicados à sua teoria específica. Para Yi-Fu Tuan, em seu *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*:

[...] os seres humanos ostentam uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico. Uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa. O meio ambiente artificial que construíram é um resultado dos processos mentais – de modo semelhante, mitos, fábulas, taxonomias e ciência. Todas essas realizações podem ser vistas como casulos que os seres humanos teceram para se sentirem confortáveis na natureza (YI-FU TUAN, 1980, p. 15).

Incluindo dentre as realizações citadas a Literatura, como uma das expressões da arte em geral, compreendemos que também ela existe para que essa acepção de “conforto” seja apreendida pelo homem na sua estada na terra, no sentido de que, dentre outras coisas, proporcione alento e beleza para quem a aprecie. É também sob essa perspectiva – que trata

de conforto ou bem-estar – que Tuan opera em *Topofilia*, cujo título já nos indica qual sua abordagem: um sentimento de afetividade para com o lugar (considerando o lugar como indicativo de estabilidade e aconchego). Não é apenas o meio ambiente em seu aspecto físico que interessa aos seres humanos, mas principalmente o que ele pode adquirir de figurado: a própria consciência, como um advento estritamente humano, nos leva a entender o mundo de maneira diferenciada da dos animais e, conseqüentemente, a nos relacionar com ele a partir de uma ótica mais voltada para a subjetividade.

Ainda do renomado geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, a obra *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (1983) contribui substancialmente para as perscrutações entre Geografia e Literatura, pois aborda os conceitos-chave de espaço e lugar, levando em consideração as perspectivas da experiência e da subjetividade. Sob a ótica do autor, espaço e lugar

São termos familiares que indicam experiências em comum. O espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa, cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 6).

Outra contribuição relevante para os estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa é dada por Maurice Merleau-Ponty com a obra *A Fenomenologia da Percepção* (2006). Ao argumentar acerca do significado e da abrangência da ciência, o autor sustenta a seguinte reflexão: “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 03). Uma vez que o mundo é caracterizado e identificado de maneira distinta, coube não só aos filósofos e aos historiadores, como também aos geógrafos humanistas perscrutar como se configuram os valores, atitudes, percepção e sentimentos na relação humana com o mundo. Semelhante identidade humanista da ciência geográfica permite o entrelaçamento com outros saberes – a arte, por exemplo. Assim, a literatura, enquanto arte e linguagem intimamente relacionadas à condição e existência humanas, se apresenta capaz de exprimir o mundo sentido e subjetivamente concebido, relacionando-se com os princípios e a gênese do significado e da experiência. Por isso, para Tuan,

Muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual. São

conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente. Uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar. [...] A arte literária chama a atenção para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas (TUAN, 1983, p. 180).

É importante que ressaltemos, nesse momento, quais influências diretas a Geografia Humanista Cultural sofreu do Humanismo: em primeiro lugar, observa-se uma ampliação considerável do ponto de vista, com a inserção, no âmbito científico, de uma visão que se abre para novos postulados metodológicos, mais preocupados com a experiência através dos sentimentos, da reflexão e da imaginação. O mundo, portanto, consiste num espaço que deve ser dominado física e intelectualmente. Esses dois conceitos se relacionam diretamente à dicotomia ser/estar que dará ensejo à inserção da subjetividade no campo geográfico.

Alicerçado em tais estudos, o grupo de pesquisa em questão tem desenvolvido investigações sobre obras de autores modernos e contemporâneos das literaturas de língua portuguesa, incluindo nesse contexto a produção singular da Literatura Infantil e Juvenil, com vistas a compor o universo da representação literária a partir da cosmovisão geográfica, analisando a relação do indivíduo com os lugares de predileção e de repulsa.

No tocante particularmente à literatura africana lusófona, as pesquisas têm convergido sobre a obra do consagrado moçambicano Antônio Emílio Leite de Couto (Mia Couto), sobre como se desenvolve o processo de criação de um autor, sua gama de influências e sua relação com a língua pátria e, mais propriamente, sobre como se insere a perspectiva da espacialidade em sua produção literária. Acreditamos que se configura de enorme valia uma pesquisa a respeito da forma como a língua portuguesa se desenvolve e é assimilada no contexto das obras de um autor nativo de país recentemente descolonizado. O foco maior será refletir sobre como o autor, mesmo servindo-se principalmente da língua do colonizador, é capaz de problematizar a formação da identidade de seu país, dando destaque ao forjamento dessa identidade dentro de um espaço específico: o espaço da descolonização moçambicana, sinalizando a questão “é possível *ser sem estar?*” na aliança entre áreas distintas, como literatura e geografia.

A subversão linguística e espacial que Mia Couto imprime em suas obras proporciona subsídios para entender o espaço como detentor de um papel estruturante na formação psicológica das personagens. Para Paulo Daniel Farah, em sua tese de doutorado *Geografia da ausência: o espaço na literatura palestina (da terra natal ao Brasil)*, “toda experiência mental ou física possui uma dimensão espacial [...] esta possibilita e regula nossa coexistência com o mundo, nos sentidos psicológicos, sociais e físicos” (2004, p. 52).

A relação que o espaço estabelece com os elementos culturais, regulando o estar no mundo das personagens, trabalha para tornar mais densa a literatura do autor. Assim, as concepções desenvolvidas por autores da Geografia Humanista Cultural são importantes para nortear a presente pesquisa. Em sua *Topofilia* (1980), Tuan traça uma perspectiva para um novo tipo de entendimento do que seria o geográfico: entendimento subjetivo que toma o espacial também como fator preponderante na formação do psicologismo humano.

A título de análise, consideremos o romance *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, publicado em 1992 e amplamente laureado pela crítica. Ao emprendermos esse estudo, é necessário que destaquemos os elementos naturais como constituintes e representantes dos hábitos do povo moçambicano, atendo-nos ao conceito de fenômeno vivido, tão caro ao existencialismo aplicado à Geografia Humana. Entender qual o papel da paisagem no entendimento do que conhecemos por África é crucial para que tenhamos uma compreensão mais plena da obra de Couto, sobretudo *Terra Sonâmbula*, que tem como ponto referencial, como todas as obras iniciais do autor, a desestabilização provocada pela guerra e a mobilidade a que suas personagens são impulsionadas por conta dos conflitos. Em *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura* (2001, p. 69), Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira frisam que:

Quando falamos de espaço na análise de uma narrativa literária, pensamos, imediatamente, no espaço físico por onde as personagens circulam [...]. O espaço seria, em primeiro lugar, aquilo que podemos perceber através de nosso corpo. O espaço que ocupo seria, especialmente, aquele que vejo (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 69).

A ideia de que o corpo serve como referência essencial dentro do espaço que habitamos é também desenvolvida por Yi-Fu Tuan em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1983, p. 39): “O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo [...] organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais”. Em *Terra Sonâmbula*, podemos igualmente enxergar essa dimensão espacial, sobretudo no jovem Muidinga que está se autodescobrindo de diversas maneiras, inclusive através do próprio corpo. É interessante notar também como as personagens se relacionam com seu entorno, ainda mais considerando a paisagem peculiar de Moçambique que vai se modificando diariamente por conta de inúmeros fatores: as intempéries do tempo (chuvas torrenciais ou sol impenitente), os novos contornos que são causados pelos resquícios da guerra, a descrição de ritos pela fertilidade da terra, etc.

Como se trata de um romance que narra duas histórias paralelamente – as aventuras de Kindzu, que sai de sua terra para se tornar um naparama

(guerreiro da paz) e a de Muidinga e Tuahir, um miúdo e um velho que se escondem dos horrores da guerra em um autocarro (machimbombo) incendiado em uma estrada deserta –, podemos analisar aspectos relacionados a espaço e lugar nesses dois planos. Por exemplo, através das leituras dos cadernos de Kindzu, que os preenche com suas viagens e experiências por Moçambique, Tuahir e Muidinga se tornam mais próximos, já que as narrativas fazem com que o velho se torne mais terno, lembrando experiências e contando-as para o jovem. É nesse ponto que percebemos a inversão criada pelo autor: é o mais jovem que conta histórias ao mais velho, por meio de uma narrativa escrita, e não oral, como seria de costume. Tudo o que acontece, tanto as leituras quanto as poucas experiências a que os dois são submetidos, se dá às margens do machimbombo, sem que os dois tenham ao menos que se afastar, como explicita Couto:

Tudo acontecera na vizinhança do autocarro. Era o país que desfilava por ali, sonhambulante. Siqueleto esvaindo, Nhamataca fazendo rios, as velhas caçando gafanhotos, tudo o que se passara tinha sucedido em plena estrada (COUTO, 2006, p. 147).

De forma gradativa, o leitor acompanha a transformação da paisagem à medida que os escritos de Kindzu passam a ocupar a mente e as fantasias de Muidinga. Assim, num primeiro momento, quando do capítulo que antecede o primeiro caderno de Kindzu, somos conduzidos à descrição de uma paisagem horrenda porque produto de uma terra seca, sem vida. Com o decorrer da leitura dos cadernos, a Muidinga é dada a condição de descortinar as mudanças da paisagem, com a pintura de novas tintas a denunciar a presença da vida. A saída do machimbombo se concretiza com o prenúncio do sonho da esperança.

Um vento soprava e os frutos se embatiam, em múltiplos batuques. Uma vez mais, a paisagem mudara seus tons e tamanhos. O arvoredo era mais baixo embora mais cheio. A humidade crescia, devia haver uma aguinha a correr perto. Tinham saído do autocarro na madrugada desse dia, mas andaram apenas em círculos para não se afastarem muito da sua moradia (COUTO, 2006, p. 93).

Tuan sustenta que experienciar é aprender e que o constructo dessa experiência é uma realidade fruto do sentimento e do pensamento. Tanto Muidinga quanto Tuahir aprenderam com a experiência vivenciada a partir das leituras dos cadernos de Kindzu que é possível sonhar com uma Moçambique futura, com um novo corpo social, cultural, histórico e político, onde não haja mais o terror da guerra e onde se possa de fato construir a própria identidade.

Na medida em que a Literatura e a Geografia se entrelaçam para refletir acerca dos traços simbólicos, subjetivos e intersubjetivos que compõem a essência dos relacionamentos das personagens com os espaços intensamente vividos, constatamos que as fronteiras do conhecimento cada vez mais têm sido superadas. Sabemos que, por mais que o discurso metódico e o rigor acadêmico tentam impor sua legitimidade no campo da Geografia, como bem ressaltam Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Batista Gratão, outro núcleo tem disponibilizado o diálogo e a flexibilidade de ideias. É sobre esse que temos nos debruçado e dirigido o nosso olhar. A viagem interdisciplinar pelo espaço d(n)o texto literário apenas começou.

Notas

* Doutora em Literatura Portuguesa pela USP e Profa. do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Docente efetiva do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade e uma das líderes do grupo de pesquisa "Estudos da paisagem nas literaturas de língua portuguesa". Organizadora, juntamente com a Profa. Dra. Ida Ferreira Alves, da Universidade Federal Fluminense, do livro *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*, publicado em 2010 pela EDUFF. E-mail: marciamanir@hotmail.com

** Mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade. E-mail: claudiagmoraes24@yahoo.com.br

*** Mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade. E-mail: cjanete65@yahoo.com.br

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. Maputo: Editora Ndjira, 2006.

DIMAS, Antônio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática, 1985.

FARAH, Paulo Daniel. **Geografia da ausência: o espaço na Literatura Palestina (da terra natal ao Brasil)**. (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 2004.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs.). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SANTOS, Luis Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

Recebido em: março de 2012.

Aprovado em: maio de 2012.